

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS NA VARIEDADE CULTA DO NOROESTE PAULISTA

Luciani TENANI¹

Ana Amélia Menegasso da SILVEIRA²

- **RESUMO:** Este trabalho apresenta o comportamento das vogais médias pretônicas no português culto falado na região de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo. Nessa região, há variação linguística que envolve as vogais médias [e, o] e as altas [i, u], respectivamente, fato que gera formas variantes como *al[e]gria ~ al[i]gria* e *n[o]tícia ~ n[u]tícia*. Esse fenômeno fonológico, denominado por Alçamento Vocálico, é aqui investigado a partir de fatores estruturais, segundo o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa. Com base nos resultados gerados pelo programa VARBRUL, o alçamento vocálico foi interpretado, na variedade estudada, como resultado, sobretudo, da redução da diferença articulatória da pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes. Constatou-se que a vogal alta contígua à pretônica tem importante papel na aplicação da regra do alçamento e a presença de vogal alta na sílaba tônica, em muitos casos, reforça, mas não determina a aplicação da regra. Tais fatos sustentam a afirmação de que a redução vocálica é o processo característico do dialeto estudado.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Vogal média. Alçamento vocálico. Fonologia. Variação linguística. Língua portuguesa.

As vogais átonas, particularmente as pretônicas, são objeto de reflexão por permitirem observar aspectos da gramática das línguas que envolvem não só informações do nível fonológico, como também a relação desse nível com outros níveis da gramática. Podem-se investigar também aspectos de variação e mudança linguística e de aquisição da linguagem, nas modalidades falada e escrita. Neste texto, focaliza-se o comportamento variável das vogais pretônicas nos substantivos e adjetivos, a partir de dados de fala de uma variedade do interior paulista. Nesta variedade, há uma regra de alçamento que transforma [e, o] em [i, u], respectivamente, como em 'm[i]dida' e 'm[u]chila'.

A fim de descrever esse processo nessa variedade, foram controlados fatores linguísticos e extralinguísticos, a serem explicitados na próxima seção. Encontrou-se o seguinte resultado geral: 13% de alçamento em contextos de vogal pretônica /e/ (foram 297 ocorrências em 2246 contextos); e 14% de alçamento em contextos

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. São José do Rio Preto - SP - Brasil. 15054-000 - lutenani@ibilce.unesp.br

² Mestranda em Estudos Linguísticos. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas – Pós – Graduação em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto - SP - Brasil. 15054-000 - analettras4_unesp@yahoo.com.br

de vogal pretônica /o/ (foram 228 ocorrências em 1590 contextos). A análise desses resultados, a ser apresentada na terceira seção deste texto, será feita a partir dos fatores lingüísticos investigados, visando a comparação com resultados de pesquisas sobre diferentes variedades do Português do Brasil (PB). Com base nos resultados obtidos para esses fatores e nas discussões apresentadas por Lee e Oliveira (2003) sobre as alternâncias vocálicas do PB, buscaremos caracterizar, na última seção, a variedade em análise no que diz respeito às interações de processos fonológicos envolvidos nas vogais: a Harmonia Vocálica e a Redução Vocálica.

Os dados

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 16 inquéritos de fala, selecionados da amostra censo do banco de dados Iboruna,³ produzidos por informantes que atendem o seguinte perfil social: gênero feminino, com nível superior completo ou em andamento; pertencentes a quatro faixas etárias – de 16 a 25 anos; de 25 a 36 anos; de 36 a 55 anos e mais de 55 anos.

Tendo em vista que o alçamento vocálico, no dialeto estudado, não é um fenômeno estigmatizado socialmente, sendo observado, portanto, na fala de homens e mulheres de diferentes camadas sociais e níveis de escolaridade, optamos por considerar, de início, somente a idade do falante, isto é, excluímos da análise as variáveis gênero/sexo, renda e escolaridade. Lidávamos com a possibilidade de a faixa etária do indivíduo ser significativa para verificação de possíveis mudanças em tempo aparente, ou ainda para observarmos se a variação é apenas uma questão de gradação etária.

Os resultados da análise estatística dos inquéritos considerados, na tabela 1 abaixo, não nos permitem estabelecer uma categorização acerca da elevação vocálica conforme a faixa de idade em que se encontra o falante. Tal fato levou-nos a interpretar que, na variedade estudada e no conjunto de inquéritos selecionados, a faixa etária do informante não exerce papel determinante na aplicação da regra do alçamento, ou ainda, entendemos que estamos diante de um quadro de variação estável, sem indicação de processo de mudança em curso.

³ O banco de dados Iboruna é formado de uma amostra censo constituída de 152 inquéritos de fala de informantes provenientes do município de São José do Rio Preto, noroeste do estado de São Paulo, e mais seis cidades circunvizinhas a ele: Bady Bassit, Cedral, Guapiáçu, Ipiquá, Mirassol e Onda Verde. Para a coleta das amostras, os informantes foram estratificados em (i) sexo/gênero (masculino/feminino), (ii) faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; mais de 55 anos), (iii) nível de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental; 2º Ciclo de Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior) e (iv) renda familiar (mais de 25 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; até 5 salários mínimos).

Tabela 1 - Alçamento das pretônicas /e/ e /o/ com relação à faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
1 (16 a 25 anos)	13% (48/361)	.51	20% (61/300)	.64
2 (26 a 35 anos)	15% (116/763)	.52	10% (48/471)	.36
3 (36 a 55 anos)	7% (41/601)	.33	15% (68/455)	.52
4 (mais de 55 anos)	13% (92/521)	.66	14% (51/364)	.54
Total	2246		1590	

A partir desse resultado, apontamos a necessidade de uma investigação mais detalhada, com base em um conjunto mais amplo de amostras de fala, sobre o papel das variáveis sociais no comportamento do processo de alçamento. Neste texto, restringimo-nos aos resultados relacionados ao papel dos grupos de fatores estruturais na aplicação do alçamento da pretônica. No quadro abaixo, são dados os grupos de fatores selecionados para a análise.

Variáveis	Fatores	Ocorrências
Vogal da Sílabla Tônica	Vogal alta anterior [i] Vogal alta posterior [u] Vogal médio-alta [e, o] Vogal médio-baixa [ɛ, ɔ] Vogal baixa [a]	<i>ped[i]do, coz[i]nha, seg[u]nda, gord[u]ra</i> <i>pequ[e]no, gov[ɛ]mo</i> <i>senh[ɔ]ra, colh[ɛ]r</i> <i>sem[a]na, molec[a]da</i>
Distância da Sílabla Tônica	Distância 1 Distância 2 Distância 3	ben dita, cort ina amer icano, pole gadas religi ão, comput ador
Vogal Átona Seguinte	Vogal alta anterior [i] Vogal alta posterior [u] Vogal médio-alta [e, o] Vogal médio-baixa [ɛ, ɔ] Vogal baixa [a]	<i>per[i]quito, mon[i]toras ce[u]lar, cost[u]reira</i> <i>fed[e]ral, colh[e]rada</i> <i>pe[ɛ]reca, poi[ɔ]roca</i> <i>deleg[a]cia,</i> <i>comport[a]mento</i>
Consoantes Adjacentes	Alveolar Palatal Velar Labial	[d]elícia, mo[l]dura tan[ʒ]erina, co[ʎ]er [k]erido, co[x]ida ane[m]ia, [b]onito
Tipo de Sílabla	CV CCV CVN CVC	ave nida, so brinha agres sivo, pro fessor men tira, con duta fest ivais, for matura
Nasalidade	Vogal Nasalizada Vogal passível de Nasalização Vogal Oral	den tista, con duta cem itério, dom ínio bel iche, posi ção
Tonicidade da Pretônica	Atonicidade Permanente Atonicidade Secundária	po lícia, poli cial den te, den tista

Quadro 1 - Variáveis Estruturais

Antes de tratarmos dos resultados obtidos, faz-se necessário explicitar que, em nossa pesquisa, restringimos nosso olhar à manifestação da vogal pretônica interna à palavra que foi classificada como substantivos e adjetivos. Assim, excluímos de nossa análise formas verbais, por exemplo, e as ocorrências de substantivos e adjetivos cujas pretônicas se situam em início de palavra, em hiato e em prefixo. A justificativa para esse recorte se dá por razões que passamos a explicitar.

Primeiramente, assumimos que os princípios que regem a elevação de uma vogal em posição inicial não coincidem com os que elevam uma vogal média pretônica interna. Com relação a /e/, admitimos que a pausa à esquerda favorece a elevação, quando a vogal é seguida de /N/ ou /S/ em itens do tipo *empresa* e *escada*, fato que tem comprovação histórica, segundo Naro (1973), bem como

já observado para outras variedades, como por Viegas (1987). Já para /o/ não encontramos na literatura nenhuma restrição sobre o seu comportamento em início de palavra, entretanto, ocorrências como *ostra* e *ontem*, as quais têm a mesma estrutura de *escada* e *empresa*, não elevam suas médias para * [u]stra e *[u]ntem. Porém, essas foram igualmente excluídas da análise por apresentarem o mesmo contexto fonológico.

No que se refere às vogais em hiato, assumimos os argumentos apresentados por Bisol (1981). Para a autora, a possibilidade de haver variação de uma vogal em contato com outra foi observada desde o século XVI, por Fernão de Oliveira (1536). Com o passar do tempo, se espera, portanto, que os alçamentos nesses contextos passem a ser categóricos.

Por fim, não foram consideradas a vogal média /e/ do prefixo des-, em virtude de haver a elevação categórica dessa vogal, como em **d[i]sempr**ego, **d[i]s**atenta, **d[i]s**igualdade, **d[i]s**graça, **d[i]s**preocupado, **d[i]s**contraído, entre outros itens.⁴ Portanto, há uma razão morfológica que leva ao alçamento, como também já atestado por Viegas (1987) para a variedade mineira de Belo Horizonte.

Feitas essas considerações acerca do objeto de nossa investigação, passamos a tratar, na próxima seção, dos resultados.

Análise dos dados

Destacamos que, de modo geral, a aplicação da regra de elevação da vogal apresentou um baixo percentual no *corpus* que investigamos da variedade culta de São José do Rio Preto (SP) e região. Dos 2246 contextos de vogal pretônica /e/ analisados, somente em 297 houve a regra do alçamento, o que corresponde a 13% do total. Dos 1590 contextos de pretônica /o/, somente em 228 houve alçamento, ou seja, 14%. Nota-se, portanto, que, na variedade culta do noroeste paulista, as vogais médias [e, o] predominam sobre as altas [i, u], respectivamente, ou seja, não há tendência ao alçamento. Além disso, /e/ e /o/ têm praticamente a mesma suscetibilidade para sofrer o alçamento, uma vez que a frequência de aplicação da regra no contexto da vogal anterior (13%) é muito próxima ao que observamos para o contexto da vogal posterior (14%). A seguir, passamos a tratar dos fatores analisados.

Vogal da Sílabla Tônica e Distância da Sílabla Tônica

Nos estudos que assumem a hipótese de a elevação da pretônica resultar de um fenômeno de harmonia vocálica, têm sido enfocados os fatores tonicidade

⁴ Para maiores informações acerca dos prefixos do PB, ver Schwindt (2001).

(CÂMARA JÚNIOR, 1970) e contigüidade da vogal alta (BISOL, 1981), sendo este último considerado o gatilho para a regra de assimilação entre vogais.

Para Lemle (1974), a presença de vogal alta seguinte, tônica em alguma palavra do paradigma, mas não necessariamente adjacente à pretônica candidata ao alçamento da palavra em análise, é condição obrigatória para que a elevação da pretônica aconteça. Já para autores como Bisol (1981), Viegas (1987) e Célia (2004), a contigüidade da vogal alta é um fator mais favorecedor à regra do que o fato de a vogal ser tônica ou ter sido tônica em uma forma não-derivada.

A fim de identificarmos, na variedade culta estudada, como essa relação entre tonicidade e contigüidade das vogais altas acontece de modo a favorecer o alçamento das pretônicas, analisamos as variáveis: (i) vogal da sílaba tônica, (ii) distância da sílaba tônica e (iii) vogal átona seguinte. Na tabela 2, são apresentados os resultados da variável vogal da sílaba tônica.

Tabela 2 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal tônica

Vogal Tônica	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Alta Anterior [i] med[i]da, comunicat[i]va	39% (189/484)	.98	41% (146/355)	.91
Alta Posterior [u] ferv[u]ra, cost[u]me	8% (7/92)	.50	28% (11/39)	.85
Médio-Alta [e, o] bez[e]rro, pol[e]nta	9% (75/815)	.57	4% (20/468)	.45
Médio-Baixa [ɛ, ɔ] melh[ɔ]r, proj[ɛ]to	16% (24/148)	.28	21% (33/157)	.69
Baixa [a] reg[a]ço, bol[a]cha	0% (2/707)	.05	3% (17/571)	.17
Total	13% (297/2246)		14% (228/1329)	

Os resultados mostram que o ambiente mais favorável à regra é a vogal tônica anterior /i/, tanto no contexto de pretônica /e/ (PR .98), quanto no de pretônica /o/ (PR .91). A vogal tônica posterior /u/, de modo diferente, tende a motivar muito mais o alçamento de /o/ (PR .85), do que de /e/ (PR .50). Assim, foi bastante freqüente identificarmos itens cujo alçamento das pretônicas /e/ e /o/ resultou da assimilação com a vogal alta /i/, como em *v[i]sícula* e *s[u]brinho*,

respectivamente. Bem menos freqüente, entretanto, foram os casos em que /u/ influenciou a elevação da pretônica /e/, como em *s[i]guro*; pois, em geral, observamos *ʃ[e]gume, b[e]rmuda*.

Essa diferença de comportamento de /i/ e /u/ justificou a divisão da variante vogal alta em anterior /i/ e posterior /u/. Segundo Bisol (1981), essa diferença do alçamento a depender da presença do traço [anterior] da vogal pode ser explicada foneticamente, ou seja, com base na articulação das vogais altas em jogo. A autora afirma que o espaço para a emissão das vogais anteriores é maior do que aquele destinado à emissão das posteriores e, por esse motivo, a vogal /o/ não exerce sua força atrativa sobre /e/.

A fim de verificar a existência da relação entre a tonicidade das vogais altas e o fenômeno de alçamento no dialeto do noroeste paulista, consideramos também os resultados referentes à distância existente entre vogal pretônica e vogal da sílaba tônica. Os resultados obtidos são dados na tabela 3.

Tabela 3 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação à distância da sílaba tônica

Distância	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
1 Sílaba <i>perigo, bonito</i>	17% (264/1554)	.73	21% (197/946)	.74
2 Sílabas <i>aparecimento, condição</i>	5% (25/506)	.10	3% (16/469)	.10
3 ou Mais Sílabas <i>definição, comunicação</i>	4% (8/186)	.02	8% (14/174)	.49
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Nota-se a predominância do fator adjacência da vogal alta à pretônica para a aplicação da regra, ou seja, a distância de uma sílaba entre a vogal pretônica /e, o/, candidata à elevação, e a vogal alta tônica mostrou-se como a condição ideal para que a regra de elevação fosse aplicada. Isso se confirmou quando observamos ocorrências do tipo *coletivo, correria, pejorativa, materialista, delegacia*, em que a presença da vogal alta tônica não foi suficiente para desencadear a elevação das pretônicas, em virtude de haver a distância de mais de uma sílaba entre a vogal pretônica e a vogal alta tônica.

Tais resultados permitiram-nos afirmar que, além de ser a presença da vogal alta o contexto ideal à manifestação do processo, quando comparado aos outros

tipos de vogais na sílaba tônica, a adjacência desse tipo de vogal também exerce papel determinante na caracterização da regra.

Vogal Átona Seguinte

Primeiramente, esclarecemos que na análise dessa variável foram desconsiderados os itens que não apresentam vogal átona entre a pretônica candidata à elevação e a tônica da palavra, por exemplo, *revista* e *cozinha*. Assim, o número total de ocorrências da pretônica /e/ passou de 2246 para 700 e da pretônica /o/ de 1590 para 647. Na tabela 4, abaixo, estão expostos os índices de aplicação de cada variante selecionada nesse grupo de fatores.

Tabela 4 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação à vogal átona seguinte

Átona seguinte	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Alta Anterior [i] <i>c[e]m[i]tério, c[o]mpr[i]mento</i>	8% (23/301)	.83	13% (23/171)	.92
Alta Posterior [u] <i>seg[u]rança, com[u]nidade</i>	4% (1/28)	.78	6% (6/96)	.62
Média-Alta [e,o] <i>p[e]qu[e]nina, c[o]m[o]vida</i>	4% (9/230)	.11	1% (3/274)	.16
Média-Baixa [ɛ,ɔ] <i>pe[ɛ]reca, poi[ɔ]roca</i>	0% (0/140)	.00	0% (0/1)	.00
Baixa [a] <i>g[e]stação, bob[a]gem</i>	0% (0/1)	.00	0% (0/105)	.00
Total	5% (33/700)		5% (32/647)	

Dos resultados encontrados, observa-se que, novamente, foi a vogal alta anterior /i/ que exerceu maior força articulatória sobre os contextos de pretônica /e/ (PR .83) e de pretônica /o/ (PR .92). Entretanto, para esse conjunto de palavras, percebemos que a vogal alta posterior /u/, além de favorecer a elevação da média /o/, também motivou o alçamento de /e/, o que pode ser considerado um fato inesperado se nos voltarmos à explicação dada no item anterior, acerca da diferença dos resultados de assimilação entre /i/ e /u/.

O que devemos pontuar, contudo, é que o índice de aplicação referente à vogal alta posterior /u/ pode estar sendo comprometido pelo elevado número de ocorrências do item *segurança*, que, por sinal, é o único vocábulo de todo o conjunto de dados em que a vogal /u/ átona seguinte parece favorecer o alçamento da pretônica /e/.

Com base na tabela 4, observa-se que a variante /i/ apresentou um peso relativo de (.83), o que significa dizer que a vogal anterior /i/ átona imediata caracterizou-se como o ambiente mais favorecedor da aplicação da regra na pretônica /e/, quando comparado aos outros fatores.

Apesar desse resultado, foi possível listar um relevante número de itens que têm esse mesmo contexto, e cujas pretônicas não são alçadas, como *d[e]cisão*, *p[e]riferia*, *r[e]ligião*, *v[e]stibular*, *pr[e]cisão*, entre outros. Esse grupo de palavras levou-nos, desse modo, à interpretação de que, da mesma forma que a tonicidade

sozinha não determina a aplicação da regra de harmonização na variedade estudada, a contigüidade, por si só, também não é determinante, o que pôde ser verificado para ocorrências de pretônica /o/, em palavras como *pr[o]visória*, *c[o]missão*, *disp[o]sição*, *o]pulação*, *op[o]rtunidade*, *s[o]lução*, *c[o]munhão*, *c[o]munidade*, *c[o]municativo*.

Consoantes Adjacentes

Como anteriormente destacado, foi a vogal contígua e tônica o elemento desencadeador da assimilação, mas, ao lado dela, outros elementos estruturais também interferiram nesse processo, como o ponto de articulação das consoantes adjacentes à pretônica. Assim, quando observado o papel das consoantes posicionadas antes e depois da vogal pretônica, encontramos os seguintes índices de frequência e peso relativo (PR), dados nas tabelas 5 e 6, a seguir.

Tabela 5 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento precedente

Segmento precedente	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Alveolar <i>[t]errível, co[l]orido</i>	8% (70/892)	.24	5% (28/552)	.26
Palatal <i>ob[3]etivo, pe[3]orativo</i>	4% (2/54)	.42	0% (0/35)	.00
Velar <i>[k]esito, [x]otina</i>	5% (12/246)	.44	18% (99/536)	.64
Labial <i>[v]estido, [p]ossível</i>	20% (213/1054)	.74	21% (100/467)	.63
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Tabela 6 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao segmento seguinte

Segmento seguinte	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Alveolar <i>be[l]iche, catego[r]ia</i>	10% (151/1552)	.42	15% (139/925)	.48
Palatal <i>tan[ʒ]erina, cd[ʎ]er</i>	18% (29/160)	.42	40% (41/103)	.70
Velar <i>se[g]urança, fo[g]ão</i>	41% (111/271)	.99	2% (2/132)	.20
Labial <i>re[v]ista, so[b]rinho</i>	2% (6/263)	.07	11% (46/430)	.59
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Constata-se que, de modo geral, os segmentos cujo ponto de articulação é labial ou velar foram os que apresentaram os maiores índices de aplicação da regra do alçamento, o que significa dizer que tais segmentos, quando comparados aos outros que compuseram o grupo de fatores segmento precedente, foram os mais favoráveis à elevação da pretônica.

No que diz respeito à labial seguinte, entretanto, os maiores índices de aplicação relacionaram-se somente à vogal posterior /o/, o que pôde ser entendido com base no traço de labialidade comum à vogal posterior e ao segmento labial.

A partir dessa característica articulatória, tornou-se inesperado o fato de a labial precedente influenciar a elevação da pretônica /e/, pois, conforme a literatura, a labial tende a agir em favor da elevação de /o/, vogal com que está aparentada pelo traço de labialidade, mas não em favor de /e/. Frente a esse fato, analisamos os dados e explicamos o alçamento de /e/ com base no elevado número de ocorrências cujas pretônicas são alçadas e iniciam-se com consoante labial, como [mi]nino/a; [vi]stido; a[vi]nida. Nessas ocorrências, observamos a presença de vogal tônica alta seguinte que, por sua vez, pode ser o fator que desencadeou a elevação. Portanto, não se trata necessariamente da atuação da consoante precedente.

Sobre os segmentos velares, observamos importante índice de aplicação, exceto nos casos em que aparecem após a vogal pretônica /e/ (PR. .20). De acordo com Bisol (1981), em cuja pesquisa esse segmento aparece como forte motivador da elevação de ambas as vogais, a tendência de a velar propiciar o alçamento explica-se pela articulação alta dessa consoante.

Sobre os segmentos alveolares, constatamos baixos índices de aplicação da regra, sobretudo quando esse tipo de consoante se localizou na posição anterior à pretônica. Essa tendência de a alveolar desfavorecer a manifestação do processo é uma questão já explorada na literatura, pois, segundo pesquisas como a de Bisol (1981), Viegas (1987), Célia (2004) entre outras, essa tendência pode ser explicada a partir da articulação não alta desse tipo de segmento.

Por fim, acerca das consoantes cujo ponto de articulação é palatal, observamos resultados bastante díspares, sobretudo com relação ao alçamento da vogal média posterior /o/. Quando na posição precedente, a consoante palatal bloqueou a elevação da pretônica /o/; entretanto, quando na posição seguinte, apresentou-se como o fator de maior influência para o alçamento dessa vogal. Com relação à pretônica /e/, os índices de aplicação referentes ao segmento palatal foram relativamente baixos, tanto na posição precedente quanto na seguinte. Tais resultados nos revelaram que, embora as palatais sejam consideradas as mais altas do sistema consonantal, de maneira geral, essas consoantes não exerceram o papel de condicionador do processo em nosso dialeto, exceto quando aparece após a pretônica /o/, resultado que, por sua vez, está relacionado ao elevado número de ocorrências do item *co[ʎ]er*.

Concluimos a discussão dos resultados que envolvem a motivação exercida pelos segmentos adjacentes afirmando que nossos dados confirmaram uma das hipóteses da qual partimos em nossa análise, a de que, em muitos casos, sobretudo naqueles em que não existe contexto para a harmonização vocálica, a elevação da vogal resultou de um processo de redução vocálica, a partir do que propõe Abaurre-Gnerre (1981).

Tipo de Sílabas e Nasalidade

A noção de sílaba trabalhada neste grupo de fatores está baseada em Câmara Junior (1970) e, a partir dessa noção, definimos como fatores dessa variável o seguinte: CV para sílaba aberta, CCV para sílaba aberta com dois elementos na fase crescente, CVN para sílaba travada por arquifonema nasal e CVC para sílaba travada por /r/, /l/ ou /s/. A separação desses dois últimos tipos silábicos, segundo a presença ou ausência de elemento nasal no declive, foi motivada pelos resultados encontrados nos dados de outros dialetos, como o gaúcho (BISOL, 1981), de Nova Venécia (CÉLIA, 2004) e de Belo Horizonte (VIEGAS, 1987). De modo geral, concluiu-se, nessas pesquisas, que a presença do elemento nasal, na parte decrescente da sílaba, pode ser interpretada diferentemente com relação ao alçamento, a depender do tipo de vogal pretônica na sílaba em jogo, /e/ ou /o/. Vejamos, a seguir, os resultados estatísticos gerados pelo VARBRUL para o dialeto em estudo, no que diz respeito ao tipo silábico.

Tabela 7 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação ao tipo de sílaba

Tipo de sílaba	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
CV <i>arsenal, absoluta</i>	16% (270/1677)	.57	24% (201/847)	.69
CCV <i>adrenalina, proteção</i>	1% (1/89)	.23	0% (1/259)	.08
CVN <i>rendimento, concreto</i>	4% (6/151)	.46	3% (8/243)	.34
CVC <i>perdida, costura</i>	6% (20/329)	.26	7% (17/241)	.61
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Nota-se que a sílaba aberta CV mostrou-se como o fator mais favorável à elevação tanto no contexto de pretônica /e/, com PR (.57), quanto no contexto da pretônica /o/, com PR (.69). A sílaba aberta com dois elementos na fase crescente CCV foi o fator que menos favoreceu o alçamento vocálico, em ambos os contextos investigados.

Para a estrutura CVC, cujo declive silábico pode ser ocupado por uma lateral /l/, vibrante /R/, ou fricativa /S/,⁵ observamos o favorecimento à elevação da pretônica /o/ (PR .61), mas não da pretônica /e/ (PR .26). Ressaltamos, contudo, que o favorecimento da aplicação da regra atribuído a esse tipo silábico pôde ser relacionado apenas à fricativa /S/, como em *c[u]stura*, *c[u]stume*, e à vibrante /R/, como em *c[u]rtina*, *g[u]rdura*, *p[u]rtuguês*. Isso porque, em todas as ocorrências com a lateral /l/ na parte decrescente da sílaba (exemplos: *bolsinha*, *colchão*, *moldura*, *polvilho*, *poltroninha*, *soltinho*, *solteiro*), a vogal pretônica não alçou. Esse resultado se deve em função de haver, nessa variedade, a regra de vocalização de /l/, por meio da qual, /l/ passa a ser realizado como [o].

O tipo silábico CVN foi o segundo fator mais favorável ao alçamento da pretônica /e/ (PR .46), mas não de /o/ (PR .34). Esse resultado foi confirmado quando da análise da variável nasalidade, como mostraremos mais à frente. Cabe observar ainda sobre CVN que a estrutura silábica foi tratada mais detalhadamente em virtude das questões que envolvem a caracterização da nasalidade vocálica do PB. Conforme pontua Câmara Júnior (1970), essa nasalidade pode ser entendida a partir de dois contextos gerais. No primeiro deles, a vogal é travada por

⁵ Ao adotarmos a noção de sílaba de Câmara Júnior (1970), assumimos igualmente a noção de arquifonema, embora saibamos de haver problemas com essas noções.

elemento nasal na mesma sílaba e esse elemento tem função distintiva na língua, resultando em pares mínimos como em *canto* e *cato*. O autor denomina esse tipo de nasalidade como nasalidade fonológica. No segundo contexto, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte e não há função distintiva em razão da sua presença, por exemplo, [ka'mada] e [kã'mada], fenômeno que o autor denomina de nasalidade fonética. Baseadas nessa distinção e considerando que a nasalidade fonética é uma regra opcional em alguns casos, obtivemos os resultados apresentados na tabela 8.

Tabela 8 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação à nasalidade

Nasalidade	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Fonológica <i>s[en]tido, c[on]flito</i>	16% (8/152)	.69	4% (9/245)	.22
Fonética <i>an[em]ia, c[om]eço</i>	37% (107/253)	.10	20% (41/210)	.71
Oral <i>l[e]tivo, b[o]tina</i>	10% (182/1835)	.35	16% (177/1135)	.53
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

A presença de elemento nasal na mesma sílaba, que resulta na nasalização categórica da vogal, foi o fator que se mostrou mais favorável à elevação da pretônica /e/ (PR .69), em itens como *s[i]ntido* e *m[i]ntira*. De maneira oposta, esse mesmo fator foi o que exerceu menor influência para o alçamento de /o/, com PR (.22). Esses resultados, por sua vez, confirmam os valores relacionados à motivação do tipo silábico CVN, o qual favoreceu o alçamento de /e/, mas não de /o/ (Cf. tabela 7). Explicita-se, assim, que é relevante para o alçamento de /e/ o fato de haver o traço nasal na mesma sílaba.

No que diz respeito ao fator da nasalidade fonética, quando a vogal é passível de nasalização, os valores mais altos de aplicação da regra foram relacionados à vogal pretônica /o/ (PR .71), o que pôde ser atestado, por exemplo, em *c[u]meço*, *m[u]nitoramento*, *b[u]nita*, *d[u]mingo*. Contrariamente a esses resultados, os valores mais baixos de alçamento foram relacionados à aplicação da regra da pretônica /e/ (PR .10), por exemplo, *d[e]mocracia*, *f[e]minina*, *r[e]muneração*.

Analisamos esses valores com base no traço de labialidade da consoante nasal. Como a nasalidade fonética é, em muitos dos itens encontrados, uma regra opcional, interpretamos que a aplicação quase categórica da regra do alçamento nos itens com pretônica /o/ está relacionada ao traço de labialidade comum à

vogal posterior e ao segmento nasal, classificado como labial, quanto ao ponto de articulação. Como a vogal anterior não compartilha dessa labialização com a consoante nasal, quase não se observou a elevação da pretônica /e/, quando seguida de elemento nasal na sílaba seguinte. Dessa forma, é o ponto e não o modo de articulação da consoante nasal que explica nossos resultados.

Tonicidade da Vogal Pretônica

A consideração da variável tonicidade baseou-se no comportamento da vogal pretônica relativo ao processo de derivação, ou seja, na consideração do seu caráter de átona permanente, quando permanece não acentuada após processo derivacional, ou átona secundária, quando, antes da derivação, era uma sílaba tônica. Na tabela 9, apresentamos os valores estatísticos obtidos.

Tabela 9 - Alçamento de /e/ e /o/ com relação à tonicidade

Tonicidade	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Freq.	PR	Freq.	PR
Átona Permanente a[gre]ssivo > a[gre]ssividade [kos]tura > [kos]tureira	15% (286/1970)	.56	16% (218/1386)	.58
Átona Secundária [be]lo > [be]leza [ko]co > [ko]queiro	4% (11/276)	.14	4% (9/204)	.10
Total	13% (297/2246)		14% (228/1590)	

Em nossos dados, a atonicidade permanente é a condição ideal para que ocorra a elevação vocálica, o que já foi identificado para outros dialetos. De acordo com Bisol (1981), essa manutenção das médias nas palavras derivadas tem relação com um acento forte subjacente que, na derivação, superficializa-se como fraco. A autora admite que, muitas vezes, o acento subjacente da palavra vem à superfície como subtônico e, por esse motivo, uma sílaba átona pode ser ouvida/percebida como forte, em função de um acento maior que lhe foi atribuído nas etapas iniciais do processo derivacional.

Considerações finais

A partir dos resultados apresentados anteriormente, observa-se que a elevação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, no dialeto do noroeste paulista, é resultado da ação conjunta de fatores, dentre os quais destacamos, como já enfatizado, o papel das consoantes adjacentes, a contigüidade e tonicidade da vogal seguinte à pretônica.

Diante das considerações feitas até o momento, supõe-se que os dois processos, harmonização vocálica e redução vocálica, são igualmente relevantes para explicar o comportamento variável da vogal pretônica no dialeto estudado. Nesse sentido, para os itens que sofrem o alçamento e têm como contexto a vogal alta tônica e contígua, a aplicação da regra poderia ser explicada pela harmonia entre vogais. De modo contrário, i) para os itens em que não se observou contexto favorável para harmonia, porém aplicação da regra e ii) para os itens em que, mesmo com a presença de contexto favorável à harmonia, o alçamento não ocorreu, faríamos referência à redução da diferença articulatória entre as consoantes adjacentes e a vogal pretônica.

No entanto, na grande maioria dos itens em que o alçamento se explica por harmonização, podemos estabelecer relações de base articulatória entre as vogais pretônicas e as consoantes adjacentes, como, por exemplo, os itens *al[i]gria* e *ç[u]mida*. No primeiro exemplo, é possível considerar que há alçamento da vogal por haver assimilação do traço alto da consoante adjacente. Já no segundo exemplo, além da articulação alta de [k], há em comum o traço [labial] entre a vogal posterior e a consoante [m]. Em ambos os exemplos, o alçamento pode ser visto a partir da relação entre as características articulatórias das consoantes e das vogais e, portanto, analisados como resultados de redução da diferença articulatória entre esses segmentos contíguos e não necessariamente como resultados de harmonização vocálica.

Nesse sentido, a redução vocálica explica: i) o alçamento nos itens com contexto para harmonização (*s[i]guinte*, *b[u]tina*), ii) o bloqueio do alçamento em itens com contexto para harmonização (*b[e]liche*, *do[o]rido*), e iii) o alçamento nos itens sem contexto para harmonização (*p[i]queno*, *ç[u]lher*). Por englobar todos esses casos, concluímos que, no dialeto riopretano, o fenômeno de redução vocálica melhor explica o alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, sendo a harmonização vocálica um outro fenômeno que tende a favorecer, em alguns casos, essa elevação.

Cabe, por fim, destacar que esta análise leva a ver o alçamento da variedade do noroeste de modo diferente dos trabalhos feitos para outras variedades que comporiam os falares do sul do Brasil, nos termos de Nascentes (1953). A variedade paulista, nessa ótica, seria semelhante ao dileto gaúcho, por exemplo, quanto

à realização das médias em [e, o] ou [i, u]. Os trabalhos feitos para a região sul (BISOL, 1981; SCHWINDT, 2002), de modo especial, têm tratado a aplicação do alçamento como resultante da harmonia entre vogais. Neste trabalho, também consideramos essa possibilidade de interpretação, mas acreditamos que uma argumentação com base no fenômeno de redução vocálica explica, de maneira mais abrangente, a variação das vogais pretônicas na fala culta de São José do Rio Preto e região.

TENANI, L.; SILVEIRA, A. A. M. da. Mid Vowel Raising in the North-West Standard Variety in the State São Paulo. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p.447-464, 2008.

- **ABSTRACT:** *This study presents the behavior of mid vowels, in pretonic position, based on data obtained from the dialects of the north-west of the State of São Paulo. In this region, pretonic mid vowels can change between mid [e, o] and high [i, u] realisations, in words like 'al[e]gria' ~ 'al[i]gria' and 'n[o]tícia' ~ 'n[u]tícia'. This Vowel Raising phonological phenomenon is investigated and the structural factors are considered within Quantitative Sociolinguistics framework. The data was submitted to the VARBRUL statistical model and the results showed that vowel raising occurs as a means of reducing articulatory difference between pretonic vowels and adjacent consonants. The subsequent and tonic vowels also exert an important influence on the vowel raising, confirming but not determining the application of the rule in many cases. These facts confirm that vowel reducing is the characteristic process of the dialect.*
- **KEYWORDS:** *Mid vowels. Vowel raising. Phonology. Linguistic variation. Portuguese.*

Referências

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.2, p.23-45, 1981.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 280f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÉLIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LEE, S-H.; OLIVEIRA, M. A. de. Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: HORA, D. da O.; G. COLLISCHONN (Ed.) *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2003. p.67-91.

LEMLE, M. Analogia na morfologia: estudo de um caso. *Revista Brasileira de Lingüística*, Petrópolis, n.1, p.16-21, 1974.

NARO, A. J. *Estudos Diacrônicos*. Tradução de Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org). *Fonologia e Variação*: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.161-182.

_____. The brazilian portuguese prefix: prosodic and lexical analysis. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v.17, n.2, p. 175-207, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 27 de ago. 2007.

VIEGAS, M do C. *Alçamento das vogais médias pretônicas*: uma abordagem sociolingüística. 231f. 1987. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

Recebido em março de 2008

Aprovado em junho de 2008